

A photograph of a person's legs from the knees down, standing on a large, soft, white cloud that is placed on a wooden floor. The person is wearing a blue skirt. The background is a light blue wall with a white door frame. The overall mood is ethereal and dreamlike.

PEDRO CHAGAS FREITAS

prometo perder

*Só quem nunca amou
nunca perdeu*

MARCADOR

prometo
perder

PEDRO CHAGAS FREITAS

prometo
perder

*Só quem nunca amou
nunca perdeu*

MARCADOR

Por vontade expressa do autor, a presente edição não segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016

Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *Prometo Perder – Só quem nunca amou nunca perdeu*
Autor: Pedro Chagas Freitas
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Marina Costa/Marcador Editora
Imagem de capa: © Julie de Waroquier/distinctimage.eu
Fotografia do autor: Pau Storch-magma.pt
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-265-7
Depósito legal: 409 857/16

1.ª edição: Junho de 2016

Para a Bárbara. Porque tudo.

Pensa: desde quando suportas o que não aguentas?

Somos todos apaixonados e malucos, passe a redundância.

Foi assim que ela lhe disse, com aquele ar quase inconsequente com que dizia quase tudo.

Somos todos apaixonados e malucos, passe a redundância.

Ele continuava sem entender. Não a conhecia de lado nenhum e no entanto ali estava, no meio da rua, a ouvir uma desconhecida que lhe apetecia abraçar (casava contigo agora mesmo, raios me partam, que iria eu fazer se o fizesse?, sei lá bem eu quem tu és, mas casava contigo agora mesmo, juro-te).

Foram os malucos e os apaixonados que mudaram o mundo, já viste?

Ele disse que sim com a cabeça (é tão linda, como a quero e não sei quem é, como se chama, o que raios quer de mim, é tão linda e casava-me com ela agora mesmo), quis arrancar para uma frase mas foi interrompido.

Já falei com o senhor padre e caso contigo hoje às quatro, vens?

Ele gaguejou (sim, sim, claro que sim, é já, agora, imediatamente, e já sabe a tarde, se queres que te diga), a pele ficou de uma cor bastante próxima de um vermelho tórrido, conseguiu apenas perguntar porquê, nem que para isso tenha demorado uns bons dez segundos — talvez mais, que nunca uma palavra tão curta parecera tão interminável.

Abomino explicações, prefiro sensações. Amo-te desde que te vi pela primeira vez. Há cerca de dois minutos, portanto. Já não é motivo pouco para casar, não achas? Casa-se por amor e eu amo-te. Chega-me. E a ti?

Ele ficou sem resposta (os teus olhos, a tua boca, as tuas mãos, a tua voz, quero isso tudo para sempre, que outro motivo pode haver para casar com alguém senão o de querer aqueles olhos e aquela boca e aquelas mãos e aquela voz para sempre?), mas agiu: agarrou-lhe pelo braço e levou-a consigo até à igreja, não sem antes pagar uns trocos a dois mendigos para assistirem à cerimónia (se há coisa para a qual o dinheiro é útil é para ajudar a amar, foi para isso que ele foi criado, na verdade: como instrumento de amor, que mais?).

Sim, como um louco.

Respondeu, quando o padre lhe perguntou se queria casar com aquela mulher (vais ser minha, que sorte, vais ser minha, a quem tenho de agradecer

a sorte de seres minha?, diz-me que vou já lá, a quem tenho de agradecer a sorte de seres minha?) de quem acabara de saber o nome.

Quando estiver a ficar normal interna-me num hospital para malucos.

Ele disse que sim, claro. Os dois mendigos libertaram uma lágrima, não se sabe se por enfado se por emoção. E o padre deu ordem para o beijo da praxe.

Prometo perder.

Prometo por vezes fraquejar, por vezes cair, por vezes ser incapaz de ganhar. Nem sempre conseguirei superar, nem sempre conseguirei ultrapassar. Nem sempre poderei ser capaz de ir tão longe como tu me pedes, de te dar exactamente o que merecias que te desse. O que desesperadamente te quero dar. Nem sempre conseguirei sorrir, também.

Prometo perder.

Prometo ainda manter-me vivo depois de cada derrota, resistir ao peso insustentável de cada impossibilidade. Há-de haver momentos em que sem querer te magoarei, momentos em que sem querer tocarei no lado errado da ferida. Mas o que nunca vai acontecer é desistir só porque perdi, parar só porque é mais fácil, ceder só porque dói construir.

Prometo perder.

Porque só quem ama corre o risco de perder; os outros correm apenas o risco de continuar perdidos.

Prometo perder.

Porque só quem nunca amou nunca perdeu.

(a inutilidade da perfeição)

Fomos adultos antes do tempo.

Ontem senti a tua falta. Mais uma vez a tua falta. Estava uma menina a brincar no jardim e eu quis dizer-te que podia muito bem ser a nossa. A menina que nunca tivemos. Se tivéssemos arriscado teria sido assim, tenho a certeza. Uma menina com a tua cara de anjo e essa cabeça linda. De mim herdaria a responsabilidade. Só espero que não herdasse o orgulho. O canalha do orgulho.

Há uma pessoa a mais num casal quando existe o orgulho a separá-lo.

Podia ligar-te e dizer-te que sim. Que tinhas razão. Tinhas sempre razão. A dona da verdade. E tinhas. A verdade é que tinhas. E eu sempre neste braço-de-ferro em que ambos perdíamos. Em que ambos nos perdemos.

Há um casal que se dobra a cada braço-de-ferro que se faz.

Podia falar-te das noites que nunca acabam. São sempre as noites, não é? De dia há pessoas, o emprego (a Joana da recepção fala todos os dias de ti, quer saber como estás e eu só lhe digo que estarás bem, estarás certamente bem, é pelo menos nisso que quero acreditar, ou se calhar não, se calhar quero acreditar que não estás bem como eu não estou bem, como se pode estar bem quando se chega a casa e tu não estás?), a luz ainda vai ajudando a tapar a sombra que ficou em mim, depois alguém conta uma piada, outra revela um segredo, e a vida vai andando. Que ironia, não é? Eu, que nunca quis ir andando, que sempre recusei o que todos os outros tinham («ai de nós se caímos na rotina, quando isso acontecer mata-nos imediatamente, por favor»; e tu mataste, e tu mataste), a contentar-me com este mais ou menos feliz, este mais ou menos vivo.

Há um menos a mais em cada mais ou menos que se vive.

Mas depois chega a noite, como te dizia. A noite não passa. E estende-se. Ocupa-me. O médico deu-me umas drogas quaisquer para aguentar. E mesmo assim entras-me pelos sonhos, fecho os olhos e estás, abro-os e estás. Éramos tão felizes, não éramos? Resta-me continuar, apenas isso. Acreditar que um dia percebes que só nos faltou esquecer a maturidade.

Há razão a mais quando um casal se esquece de por vezes perder a razão.

Fomos adultos antes do tempo, crianças armadas em sérias, meninos a brincar ao casamento. E o orgulho. Já te falei nele? Vou falar-te de novo. Vou explicar-to outra vez. Basta que me atendas o telefone. Só mais uma vez, vá.

Amar sem ser amado de volta é péssimo; mas amar e ser amado de volta é uma catástrofe.

Quando te encontrei estava capaz de amar alguém para sempre desde que não amasse tanto assim: desde que não fosse tão fundo assim. O amor impede qualquer tipo de eternidade — e é isso mesmo que o faz eterno. Amar alguém que se ama é uma impossibilidade. Ou amas na medida do possível ou é impossível amares. Nenhuma vida resiste a um amor.

«Se não te amasse iria fazer-te feliz», disse ele, olhos nos olhos dela. E depois levantou-se, acendeu um cigarro, e explicou com toda a calma do mundo: «se não te amasse podia fazer-te feliz, dar-te o que tanto queres. Podia ser compreensivo, tranquilo, pacífico, procurar o equilíbrio entre nós, uma relação saudável até. Mas a merda é que te amo. A merda é que te amo. Amo-te e tudo o que não consigo ser é compreensivo, tranquilo, pacífico, muito menos equilibrado. O amor pode ser muita coisa mas não é nada disso. O amor não pode ser nada disso. Amo-te e é por isso que não te consigo amar. É isto. No fundo era isto que tinha para te dizer. Que te quero em mim vinte e quatro horas por dia, que te procuro como se procura o pão, que te desejo como se deseja a vida inteira. E isso inquieta-me, desassossega-me, impede-me de te dar o que me pedes, de ser o que me pedes para ser. Pedes-me para te amar com calma, mas que caralhos tem a calma que ver com o amor», perguntou-lhe, uns segundos antes de lhe pedir desculpa pela linguagem grosseira — «é o amor, é mais uma vez o amor a fazer-me falar assim», justificou-se. Ela não reagiu. Pelo menos o corpo não reagiu. Manteve-se serena, a olhá-lo. Ele continuou, as malas já feitas junto à porta. «Sei que não me vais entender. Sei que não me vais perdoar. Como se perdoa uma coisa destas? Como se acredita em alguém que nos diz que nos ama assim e que depois nos abandona assim? Vais chamar-me mentiroso, cabrão, filho da puta traidor, e eu vou agradecer-te cada palavra. Sei que todas as palavras são pequenas para uma dor assim. Dóis-me em partes impossíveis do meu corpo, em partes que nunca pensei que pudessem doer. Deixo-te para te deixar viver. Para me permitir a consciência limpa de te ter libertado de mim. Quem sabe um dia uma outra pessoa te ame menos e por isso te ame como mereces»,

perguntou-se, e desta vez não esperava resposta. «Há quem fale em amores doentes, em amores que se precisam demais. E eu só me pergunto como pode algum dia dizer-se que um amor é demais se só se for demais se pode dizer amor. Peço-te o desassossego por mais que a idade me peça a paz. Fica para me dares cabo da cabeça para sempre ou vai-te embora já», foi a decisão que ela deixou nas mãos dele, os dois parados, de pé, um diante do outro, os olhos e as lágrimas. Foi então que o impensável aconteceu.

O mais doloroso nem é saber que levas outra pessoa para a cama. Estou-me, se queres que te diga, realmente nas tintas para isso. O mais doloroso é saber que tens outros ombros para pousar a cabeça: o mais doloroso é saber que há agora outra pessoa a ver-te chorar. A intimidade maior é a das lágrimas. É no interior da fragilidade que a ligação acontece. E agora há outra pessoa que chora contigo, outra pessoa que vê as tuas insuficiências, outra pessoa que tenta ocupar os espaços vazios do que não consegues ser.

O que junta as pessoas é o que não se consegue ser: o que ficamos sempre aquém de ser.

Fomos felizes tantas vezes. Brincámos, inventámos, rimo-nos que nem malucos horas a fio. E amámo-nos. Amámo-nos tanto. Em todos os lugares, de todas as maneiras. A recusar os limites e sempre sem nunca os ultrapassar.

O que junta as pessoas é recusar os limites juntos e ainda assim nunca os ultrapassar.

Fomos felizes tantas vezes, já te disse. E no entanto quando olho para trás entendo com nitidez que o que mais fica, o que mais nos fica, é a dificuldade e o que fizemos com ela. E foi aí, quando algo faltava, que nunca nos faltou nada. Quando dói o que não se consegue é só o amor que consegue.

O que junta as pessoas é aquilo que se consegue quando dói o que não se consegue.

Amar é também uma questão de confiança: da confiança que nos dá. Alguém que se sente amado, verdadeiramente amado, é alguém indestrutível. Sente em si uma força imparável, um herói por dentro de si. Contigo nada temia, contigo tudo era ultrapassável. Até que chegou a preguiça.

O que junta as pessoas é conseguir reagir quando chega a preguiça.

Fomos desaparecendo. Cada vez mais confortáveis e cada vez mais distantes. O conforto afasta, repele: integra. E o amor não é para ser integrado. O amor é longe: tem de ser longe para aproximar quem se ama. Para ser algo sempre externo que nos preenche por todos os lados. Um amor integrado é um amor acabado: um meio-amor, um semiamor, um amor levezinho. O amor pode ser muita coisa mas nunca levezinho. O amor é da pesada e é por isso que muito poucos são capazes de o suportar durante uma vida

inteira. Nem nós. E agora és de outra pessoa e eu não sou de ninguém. Talvez um dia consiga voltar a dormir com alguém, voltar a entregar o meu corpo a alguém. Mas as minhas lágrimas dificilmente deixarão de ser tuas.

- Como te chamas?
- Péchimpéré.
- Mas isso não é um nome.
- Pois não. Mas fez-te rir, não fez?

Os adultos levam a vida demasiado a sério. O grande objectivo da vida é rir. Pelo menos o meu. Os adultos não entendem muito bem esta minha maneira de ver a vida, dizem que é — é esta a palavra que eles usam — inconsequente. No outro dia ia ver ao dicionário o que queria dizer mas pelo caminho encontrei o Zé Pedro e ficámos os dois a brincar. Foi uma tarde de grande risota. Ele escondeu-se na casa da avó dele, a senhora Ivone, e quando demos por nós já estávamos os três a procurarmo-nos uns aos outros. A vida é tão simples: basta procurarmo-nos uns aos outros para sermos felizes, não é?

- O que vês aqui?
- Uma caixa de madeira.
- Estás a ver mal. Isto é uma imaginação de madeira.

Os adultos levam a idade demasiado a sério. A senhora Ivone é uma menina que tem a nossa idade mas já viveu setenta anos ou mais. Os velhotes são boas pessoas. Contam-nos histórias e sabem coisas muito misteriosas, como essa de a imaginação poder ser feita dos mais diversos materiais. Há quem tenha uma imaginação de madeira, há quem tenha uma imaginação de vidro ou de pedra. A imaginação é feita do material que nós quisermos. A minha hoje vai ser feita de tecido. A minha tia vai casar e eu imagino-a ainda mais linda do que ela já é. A beleza é uma imaginação com bom gosto, digo eu, o que acham?

- Casas porquê, tia?
- Por amor.
- O amor é a brincadeira mais linda do mundo, não é?

Os adultos levam o amor demasiado a sério. Pensam nas razões que os levam a amar, pensam se devem ou não abraçar, se devem ou não beijar, se devem ou não dar as mãos e correr e saltar e colocar a língua de fora. O amor ou é não pensar em nada ou se calhar não é amor nenhum. Eu amo a minha família toda e os meus amigos todos. Quando estou com eles penso muito pouco, mas não digam a ninguém.

- Já vi que amas, tia.
- Porquê?
- O teu sorriso não passa.

Os adultos levam a tristeza demasiado a sério. A palavra sorriso faz-me sorrir. A palavra sorrir faz sorrir toda a gente, na verdade. Experimentem lá dizer sorriso e vejam se não estão já a sorrir. Quando estou menos feliz faço sempre isso: ponho-me em frente do espelho a dizer a palavra sorriso e num instante já estou mesmo a sorrir. Mas não pensem que a tristeza não existe. A tristeza existe. Às vezes acontecem coisas que nos fazem ficar adultos por momentos. Coisas que nos fazem pensar e pensar e pensar. Mas não há no mundo nada mais poderoso do que a brincadeira.

- Porque estás a chorar, mamã?
- Tenho saudades do teu pai.
- Eu também. E é por isso que estou a sorrir.

Os adultos levam o corpo demasiado a sério. Dizem que é isso que define se uma pessoa existe ou não, já viram que baboseira? As pessoas existem quando existem em nós, qualquer criança sabe isso. O meu papá é a melhor pessoa do mundo. Basta-me fechar os olhos e estou com ele, há lá proximidade maior do que esta?

- O que te assusta mais, filho?
- Perder os sonhos.
- Pensei que era a morte.
- Foi o que eu disse.

Os adultos levam a realidade demasiado a sério. Os sonhos são a melhor parte da realidade, só um adulto não vê isto. Quando deixo de sonhar deixo

de viver. Ontem acordei e demorei dois segundos a procurar um sonho. Foram os dois piores segundos da minha vida inteira.

- Parabéns, mamã.
- Porquê?
- Por teres acordado.

Os adultos levam as celebrações demasiado a sério. Só celebram de ano a ano ou quando alguém ganha um prémio qualquer ou tem um trabalho novo. São tão limitados, pobres coitados. Eu e o Zé Pedro adoramos celebrar. Há bocado fizemos uma festa para comemorar o primeiro macaco que ele conseguiu tirar do nariz hoje. A vida pode ser apenas a existência de macacos no nariz, e mesmo assim é tão boa, não é?

- Não gosto de adultos, mamã.
- Porquê?
- São demasiado imaturos.

Os adultos levam o tempo demasiado a sério. E é por isso que o perdem de uma forma infantil. Inventam complicações, pensam que não conseguem o que tanto querem e de tanto pensarem que não conseguem não conseguem mesmo, ficam parados diante dos obstáculos. Eu e o Zé Pedro ontem conseguimos passar um obstáculo de quatro metros. Trepámos a uma árvore, depois pusemo-nos às cavalitas um do outro e não demorou mais de dois ou três minutos para um de nós estar do lado de lá. O segredo da vida é tantas vezes trepar a uma árvore e depois usarmo-nos uns aos outros às cavalitas para ultrapassarmos os obstáculos. Só os adultos não sabem disso. Eu já fui adulto, sabem? Mas depois cresci.

(como se apaga uma lembrança eterna?)

Tenho medo do passado, sabes? Medo de que o que foi não volte a ser. E não volta. O pior é que não volta.

As recordações são a prova de que há algo de diabólico e de milagroso no mundo: têm tanto de dor como de prazer.

Como se apaga uma lembrança eterna? Como se apaga a tarde em que me disseste sim pela primeira vez? Pior: como se apaga a tarde em que me disseste não pela primeira vez?

Há tanto para sofrer e só uma vida para viver.

A senhora da loja da esquina sofre tanto, e sorri. Até quando só vai ser aceite sofrer tanto e sorrir?

A humanidade tem medo da dor, e por isso sofre.

Corre em mim um vento estranho, um grito que me enche os ossos. Onde estou quando não estás?

A morte serve para valorizar a vida — e para acabar com ela também. A minha ainda não chegou mas tu já foste: eis o paradoxo perfeito.

Como continuar?

Alguns há-de estar alguém com os teus braços em si, alguns há-de estar alguém com a vida completa em si. Tenho inveja de quem te ama, e ao mesmo tempo uma admiração incontrolável: quem te faz feliz é o meu melhor amigo, mesmo que seja a pessoa que me tira de ti.

Amo-te para além de mim, é isso.

Um dia voltarei a ver na imagem do Sol não apenas o que vejo hoje: a tua imagem debaixo dele. És a imagem que integra todas as outras, uma espécie de supra-imagem: de única imagem.

Existe o que te toca ou não existe nada.

A senhora da loja da esquina quer que sorria de volta; esforço-me mas não consigo: estamos os dois fechados numa saudade que só ela disfarça. Quando deixar de olhar contigo dentro olharei para o que me rodeia. Para já não; para já quero prosseguir à tua procura mesmo que saiba que não queres que te encontre.

Amar é também continuar a procurar o que não quer ser encontrado.

Procuro-te para me encontrar. Espero que me compreendas.

A noite caiu, o quarto vazio, um cão ladra ou uiva e parece saber a solidão. Há um lado incompreensível em tudo o que não se explica — e é ironicamente esse o único lado que vale a pena experimentar.

Acontece-me, por vezes, esquecer-me que existes. São os dois ou três segundos mais insuportáveis do meu dia.

(nunca se morre do melhor lado)

Muda-se de lugar para se mudar de ângulo: para a dor doer diferente.

Às vezes prefiro ficar, doer igual, saber até onde chega o que magoa. É então que o milagre da divisão acontece: tu chegas, acondicionas-me no interior dos braços, dizes-me «vai passar» ao ouvido e passas-me os dedos pela pele como se me quisesses salvar da carne.

Muda-se de pessoas para a cobardia doer diferente.

Existimos para explicar a fuga, pouco mais. Ninguém suporta a perda, e tudo se perde: eis o que ninguém explica e ainda assim todos querem. A vida é uma construção a prazo, um edifício temporário, ao qual dedicas toda a vida. Um brinde a quem tenta a coerência, a manutenção da lógica.

Muda-se de ciência para se adiar a morte.

A medicina só é credível para quem se salva com ela. Procura-se a salvação, nunca a sabedoria. Muda-se de tudo menos de amor.

Mudo-me de tudo menos de ti.

Que nunca os ouvidos se cansem do suspiro, porque é apenas por ele que para a vida me atiro.

Que todos entendam o valor do gemido, que todos sucumbam ao poder do pedido — e que eu seja o que ama mesmo depois de vencido.

E que nenhuma mão desista de dar, e que nenhuma voz desista de acordar — e que eu seja o demente que fica feliz só por poder andar.

E que nenhuma palavra se diga para magoar, e que nenhum grito se dê para ferir — e que eu seja o que mesmo desgraçado consegue sorrir.

Que ninguém ande por andar, que ninguém desista de querer amar — e que eu seja o que abdica de tudo menos de arriscar.

Que ninguém se entregue sem tudo se entregar, que ninguém pare sem pelo menos tentar — e que eu exija fazer o que um dia ousei sonhar.

E que nenhuma mulher se deite por dever, e que nenhum homem se ame só por nada mais ter — e que eu seja o que faz do orgasmo uma forma de viver.

Que nunca se pense que o prazer é pecado, que nunca se queira ir a menos do que todo o lado — e que eu seja o que faz do «estou-me a vir» o seu fado.

Que nunca os ouvidos se cansem do suspiro, porque é apenas por ele que para a vida me atiro.

(a puta da razão)

Não há, no mundo, flagelo mais destruidor, mais diabólico, do que o flagelo da razão: de um humano que quer ter razão. É a puta da razão (a PDR).

A PDR trucidada. A PDR mói. A PDR consome. A PDR é uma merda, a pior das merdas que Deus ofereceu aos humanos.

A PDR mata o que devia servir para viver. A PDR mata tudo. Mata uma amizade, mata um amor, mata uma cordialidade. A PDR é um rolo compressor. Quantos humanos se separaram por culpa da PDR? Porque um acreditava numa coisa e outro acreditava noutra. E às tantas o que era apenas sobre um assunto qualquer passa a ser sobre as duas pessoas que debatem o assunto e que depois o discutem e depois se atiram uma à outra só porque sim. Só porque a PDR é assim. A PDR traz o pior de ti. Ordena-te. Não queres deixar de ter a última palavra. Não queres deixar de sair a ganhar. E ofendes. E atacas. E vais em frente para não recuares.

De entre os motivos para seguir em frente, não recuar é de longe o mais palerma de todos.

Que se dane a última palavra, que se dane a tua opinião. Mete a tua opinião onde bem te apetece mas não queiras metê-la no outro à força toda. Não deixes que a PDR te ordene. Não deixes que a PDR te ordenhe. É isso o que ela faz: vai-te ordenhando. Lentamente. Dolorosamente. Vai-te retirando discernimento, capacidade de avaliação, juízo de valor. Faz-te dizer o que não queres dizer só porque ouviste o que não queres ouvir. De seguida vais ouvir de novo (ainda mais fundo) o que não queres ouvir e vais dizer de novo (ainda mais fundo) o que não queres dizer. E vai doendo cada vez mais longe. E vai ficando cada vez mais irreversível. Nunca ninguém regressou ileso da PDR.

De entre os motivos para ficar ferido, querer impor uma opinião é de longe o mais palerma de todos.

A grandeza de um Homem vê-se naquilo que faz para defender a PDR. Mais ainda: a grandeza de um Homem está na grandeza da sua PDR — mas em proporção inversa. Quanto maior for a PDR menor é o Homem. Um

Homem que se desgasta, que se gasta, que desgasta e gasta os outros, só por culpa da PDR, só para querer mostrar que tem razão, que afinal o melhor champô é o X e não o Y, ou que a praia da esquerda é melhor do que a praia da direita, ou que o Ronaldo é melhor do que o Messi e o Pelé é pior do que os dois, é um anão, um minorca, um pequeno coitado. Lutar por uma opinião é engraçado; magoar pessoas e ser magoado por pessoas para lutar por uma opinião é burro. E é perigoso. Extraordinariamente perigoso.

De entre os motivos para correr perigo, magoar pessoas é de longe o mais palerma de todos.

Recuar perante a PDR é a solução. Mandá-la bugiar. Não ceder à sua tentação. Eu sei que ela seduz — oh, como seduz. Apalpa-te com a possibilidade de seres o maior do teu bairro, beija-te com uma espécie de glória pessoal (que depois perceberás que não vale a ponta de um chavelho), convida-te para te deixares enredar nos seus braços intermináveis, nas suas vãs coroas de glória. Mas no final vais ficar tu e a solidão incomparável das palavras estúpidas que disseste, tu e a certeza absurda de teres perdido tempo (e queira Deus que não tenhas perdido também pessoas) com algo que não valia um segundo de ti, um minuto do teu esforço, um momento da tua capacidade intelectual. O grande intelectual não é o que procura a PDR; é o que a ignora. O que não quer conquistar; o que só quer pensar. O grande intelectual não quer saber da razão, até porque ter razão não faz parte do seu processo de assimilação da realidade. O grande intelectual não quer saber da validação externa da razão. E tem razão.

De entre os motivos para pensar, conquistar validação externa é de longe o mais palerma de todos.

Por isso vai. Vai pedir desculpa a quem magoaste só para teres razão. Vai respirar fundo quando te apetecer praguejar contra quem pensa diferente de ti, contra quem vê diferente de ti, contra quem sente diferente de ti. Vai agora. Vai já. Podes até pensar que já não vais a tempo, que quando chegares já não podes remediar o que a PDR arrasou. E provavelmente até tens razão.

«Quando escurecer promete que me dá lume.»

Foi o que ela pediu, quase desesperada, segundos antes de a luz, inexplicavelmente, se apagar no quarto que ambos partilhavam, num acaso que vale a pena explicar — como todos os acasos, na verdade, valem a pena explicar, o que, paradoxalmente, faz com que deixem de ser acasos, pois se tem explicação não pode ser o acaso a explicá-lo, parece complicado mas é do mais simples que há.

«Quando te vi nua na rua percebi que tínhamos algo em comum. Ambos gostamos de praticar a nudez, mas tu preferes, para isso, usar o corpo.»

Ele era um seguidor incondicional das novas tecnologias, sobretudo daquelas que lhe facilitavam a vida (afinal não foi para isso que se inventou a tecnologia?), e a poesia, tinha a certeza, era a mais moderna de todas.

«Abraça-me de repente.»

Foi assim, é tempo então de o revelar, que a história dos dois começou: ela nua, no centro da rua de uma cidade de que não sabemos o nome mas onde havia o que há em todas as cidades: pessoas. As cidades são pessoas.

— Temos de chamar a polícia.

— Porquê?

— Para levar esta maluca, ora essa.

— Porquê?

— Está nua, não vê? Ou o senhor também é maluco?

— Porquê?

Foi o diálogo, peculiar, que ele estabeleceu com uma das pessoas que, ao verem aquela mulher nua a andar na rua descontraidamente, como se nada estivesse a acontecer (e na verdade não estava mesmo nada a acontecer:

apenas uma mulher a caminhar na rua como tantas outras pessoas à sua volta, o que raios faz de uma pessoa maluca se está a fazer o que todas as outras estão a fazer mesmo que sem roupa sobre o corpo?), só queriam que aquele pesadelo acabasse de imediato.

«A nudez dói muito sobre aqueles que só se suportam cobertos.»

Assim, sem mais nem menos, ele, armado ao pingarelho, disse-lhe o que pensava. Ela parou, olhou-o sem mexer um músculo da cara, estendeu a mão de forma educada e apresentou-se.

«Suzana, com z. Mas podes tratar-me por quero-te.»

Ele sorriu, estendeu a mão, cumprimentou-a de volta e fez o que as regras da boa educação exigem.

«Daniel, com tesão. Mas podes tratar-me por anda comigo para casa.»

Ambos obedeceram.

Puta que pariu os homens.

A sujidade pútrida de uma cozinha, pratos amontoados, um odor a velho insuportável

(a que cheiram os velhos senão a velhos?),

uma mulher de braços gastados, de braços moídos, perdida entre o cheiro a velho de uma cozinha

Puta que pariu os homens e mais a pila que têm entre as pernas.

Na rua, as pessoas que se tocam, as pessoas que se trocam, e na cozinha a mulher que se esqueceu do que era a rua, que fez da casa a sua rua, da casa onde está a cozinha e o cheiro a velho, e o cheiro a sujo, e o cheiro à saudade que nunca deixou de sentir

Puta que os pariu.

Ficou lá atrás, bem lá atrás, na rua onde um dia andou e onde agora se perde na noite, na noite onde não se vê nada senão a alma

(na noite as almas saem à rua)

Cinquenta anos. Cinquenta anos, foda-se.

Há a cor da solidão pela casa de uma mulher só, de uma mulher absolutamente só com o marido, sentado em frente da televisão, mesmo ali ao lado

(por todo o lado há pessoas sós com outras pessoas sós mesmo ali ao lado)

E ainda estou a aprender o que são os homens.

No sofá da casa e do homem, nos meus tempos de jovem é que era, aquilo é que era comer gajas, e um dia disse que ia comer quatro numa noite e não descansei enquanto não o consegui, e a cara do Zé Tó quando percebeu que eu tinha conseguido e que a grade de cervejas vinha mesmo para mim, aquilo é que era, naquele tempo é que era

Burra, burra. Burra.

A mulher que não é velha mas que cheira a velha, como a casa cheira a velho, como o homem que habita a solidão da mulher cheira a velho; não se sabe que idade têm, que dias viveram

(a velhice mede-se pela vida que se perdeu),

estão velhos porque estão com rugas do que passou, estão velhos porque se deixam acabar, na cozinha que é um monte de pratos, no sofá que é um monte de tristeza, na casa que é um monte de solidão

Como é que ainda consegues ser tão burra, Joana Paula? Como?

Carlos, amor, anda para a mesa, já vou, Joana Paula, e as palavras que se repetem, dia após dia, como uma música que se entranha na pele e que se esquece do que é, do que vale, do que está por dentro das palavras que se dizem

(há palavras que valem a música que são e não as palavras que são)

A televisão bem alta, as notícias que se sucedem, isto está cada vez pior, onde é que nós vamos parar, o que vai ser deste mundo, isto é tudo um bando de filhos da puta, é o que é,

Eles vêm com falinhas mansas, com aqueles olhinhos. E tu pimba. Cais.

E a infelicidade à volta deixa a infelicidade envolta, deixa suportar, deixa aguentar, ainda bem que nos temos assim, ainda bem que temos uma casa para viver, uma comida para comer, uma mulher e um homem para foder

(tudo se resume a uma casa para viver, uma comida para viver e uma mulher e um homem para foder)

Cinquenta anos, foda-se.

Fica o silêncio na casa da solidão, na casa como todas as casas, como todas as solidões

(no final é apenas o silêncio que fica)

Foda-se.

A paz acalma e desassossega em doses iguais. O mundo parece parar para nos ver respirar nestes dias. Como se preparasse alguma — e é assim que a guerra chega. Ninguém suporta a absoluta quietude. A absoluta quietude é promessa de um qualquer perigo. Nada é imutável — sobretudo a vida: a nossa percepção da vida.

O que me fazia feliz ontem entristece-me hoje.

A incoerência é, com o erro, a presença da humanidade. Somos humanos porque mudamos: porque somos capazes de mudar. Temos todos a faculdade, e a necessidade, de mudar de local, de encontrar novos lugares no interior do tempo.

Não são os burros que não mudam; são os mortos.

Sou uma mulher feliz e até isso assusta. A felicidade assusta, saber que nada me falta assusta, saber que tudo está bem assusta. O que mais provoca a infelicidade é por vezes a sua ausência — e a certeza de que um dia ela chegará. A infelicidade invariavelmente chega. Mas a felicidade também.

O optimismo não é ver o copo meio cheio; é estar constantemente a encher o copo.

O mais doloroso e mais fascinante é que o copo nunca está sempre cheio e nunca está sempre vazio. Falta sempre algo e há sempre algo. Quis ser casada com o homem da minha vida e sou. Há uma vida que sou casada com ele. Houve já muito a perder-se entre nós. Já não nos desejamos como dantes — mas ainda nos desejamos tanto. Já não nos procuramos como dantes — mas ainda nos procuramos tanto. Já não nos beijamos tanto — mas ainda nos beijamos tanto.

O amor é apenas aquilo que continua a ser.

E depois há muito que não tínhamos e agora temos. Juntamo-nos para lutar e vamos ganhando. Não podemos dizer que não custa. Custa toneladas. Mas puxamos. Continuamos a puxar. E quando nos amámos mais foi quando tivemos de puxar mais. Os dois pelos dois.

O amor é apenas aquilo que sobra da dificuldade.

Sobra mais do que o que tínhamos no começo. Sobra um amor maduro mas não parado. Sobra um equilíbrio sólido mas nunca o tédio. Sobra ainda a

surpresa que vamos conseguindo trazer. No outro dia fizemos amor a noite toda e fomos felizes a noite toda. Fomos para um hotel e descobrimo-nos outra vez. É tão bom foder com quem se ama.

Sou uma mulher sem medo das palavras mas mais ainda sem medo dos actos.

Nunca me deixei pousar. Pousar é a rendição, deixar o corpo a boiar no mar e esperar que as ondas façam o resto. Gosto de paz mas nunca me rendo. Gosto de quem me proteja e gosto de proteger. Gosto de ser frágil e forte. No mesmo dia, na mesma hora, no mesmo instante. Mas tento. Nunca deixo de tentar. Tenho tanto de heroína como de vítima. Sou a pobre coitada que nunca se deixa coitadar. O pior do mundo são as pessoas que coitadam. Que passam a vida a ser coitadas e é por isso, só por isso, que são coitadas. Ser coitado não vem de fora; só de dentro. E é viciante. Coitadar é uma droga. Um conforto sempre à mão. É fácil, é barato, tira-te milhões. Impede-te de tentar porque tentar é escusado. Impede-te de esbracejar porque o afogamento é certo. Coitadar é simples, sedutor. Esmagador. Coitadar esmaga o que és. Coitada-te irremediavelmente. É claro que o mundo às vezes é um cabrão; é claro que a vida às vezes é uma cabra. Leva-nos pessoas, leva-nos coisas, leva-nos sonhos. Às vezes leva-nos mesmo tudo (ou o que julgávamos ser tudo). Mas viver é suportar todos os cabrões e todas as cabras que a vida tem para oferecer.

Por mais lágrimas que chore há sempre uma que me faz levantar.

O segredo é esperar que a lágrima que me revolta chegue. E depois obviamente revoltar-me.

Sou uma mulher infeliz e feliz todos os dias: nada mau, pois não?

(os cinco erros que deves cometer numa relação)

SER FRACO: sente sem medo. Sentir é o melhor erro que podes cometer. O mais delicioso. Sentir é a melhor maneira de viver. Sê frágil porque é apenas humano ser frágil. Não queiras ser o mais forte do teu bairro, o mais forte da tua rua. Não queiras ser herói. Sê tu. Sê extravagante o suficiente, sê maluco o suficiente, sê inconsciente o suficiente: vai pelos sentidos, vai pelas emoções. Não tentes escapar, não tentes fugir; resolve o que sentes em ti.

Não sejas quadrado.

SER INCOERENTE: o amor não é sempre coerente — e ainda bem. Não sejas obsessivo acerca disso. Relaxa. A coerência que se foda. É mais importante, muito mais importante, a criatividade. Sê criativo. Todos os dias. Demencialmente. Sê capaz de encontrar novos caminhos em cada novo momento: escreve uma carta de amor, faz um jantar excêntrico, encontra sempre novas maneiras de fazer as velhas coisas de sempre. Erradica a monotonia.

Não sejas quadrado.

SER LUNÁTICO: não evites o risco, não evites a utopia. Tenta pelo menos o impossível, o intangível. Tenta a tua sorte: procura-a, escava em busca dela, trabalha por ela, faz tudo por ela. Sonha grande e faz com que sonhem em grande contigo. Amor sem sonho não é amor. E vida sem amor não é vida.

Não sejas quadrado.

DISCUTIR: discutir é lutar pelos teus sentimentos, lutar pelo que queres, lutar pelo que te parece melhor. Em nome do amor. Só em nome do amor. Nunca em teu nome pessoal. Nunca por egoísmo bacoco. Nunca por orgulho. Nunca por casmurrice. Nunca porque não queres perder. Nunca porque queres ficar por cima. Nunca porque queres ficar com crédito. Nunca porque queres que te fiquem a dever uma. Nunca porque queres ter razão. Nunca porque tens a mania de que sabes tudo. Nunca. E sempre. Sempre

para amares e seres amado. Discute com quem amas sempre que necessário — mas sempre com cimento e cola e tijolos na mão: sempre para construir. Amar é construir. O amor é levantado sobre a capacidade de discutir sem destruir. Às vezes é difícil, terrivelmente difícil. Mas um amor que acaba sem discussão não é um amor falhado; simplesmente não é um amor.

Não sejas quadrado.

CHORAR: todos os amores têm os seus maus momentos, todos os amores têm momentos em que parece que todo o edifício vai ruir insuportavelmente. Nesses momentos, chorar deve ser feito: chorar tem de ser feito. Para abrir a válvula: para deixar a dor sangrar. Para que o tempo passe, para que a pressão acalme, para que o que dói acalme também. Deixa que acalme, sem pressas. Só assim poderás voltar a construir. Chora quando chorar tem de ser; deixa o teu amor chorar quando chorar tem de ser. E faz-te homem (daqueles homens que interessam: os que choram, claro; os que não têm medo de chorar porque felizmente se estão nas tintas para os velhos e jovens do Restelo que têm medo de chorar, que têm medo de deixar de ser homens sempre que choram: enfezaditos coitaditos, não são?) com cada lágrima.

Não sejas quadrado.

(sobre a impossibilidade da mentira)

Morre-se sempre depressa demais: eis a verdade universal.

A criança sabe pouco e vive muito, o adulto sabe muito e vive pouco: o equilíbrio é uma utopia, uma filosofia que nem os génios descodificam. E o amor é a imortalidade possível.

Um dia destes aprendo a aguentar o que não me arrebatava — hoje não. Hoje continuo a ser o demente que quer tudo, o maluco que nunca sossega. Chama-se sossego à morte, para apaziguar a revolução.

Nunca um orgasmo foi sossegado, entendes?

Há tantas mentiras para calar a mudança. A estabilidade nasceu para desequilibrar, para que os que mandam tivessem uma arma pacífica: quantos desistiram de tentar com medo de cair?

Um dia destes aprendo a mentir o que me apaga a paixão — hoje não. Hoje continuo a ser o mendigo que tem tudo, o anticobarde que nunca se cala. Chama-se paz à morte, para apaziguar a dor.

Mas nunca uma vida não matou, entendes?

(carta de um velho ao mundo)

Quando leres estas palavras provavelmente já terei morrido. É tão simples perceber a inutilidade das palavras quando «morte» tem apenas cinco letras e acaba com tudo. O que deixo para trás não sei dizer. Deixo a certeza de que fiquei sempre aquém do que pude ser. Fui sempre quase o que quis ser, e provavelmente foi isso, apenas isso, o que realmente desejei ser.

À vida nunca pedi muito e ela deu-me tanto. Quando era pequeno acreditava no Pai Natal, na felicidade eterna, nos casais que ficavam juntos para sempre. Hoje acredito ainda mais. As rugas tiram muita coisa mas nunca tiram o amor, se um dia tiveres dúvidas sobre o que realmente importa na vida pensa nisso e chegarás a uma conclusão. Se ficar algo de mim neste mundo será o amor que dei e recebi, nada mais.

Por vezes custa estar vivo. Muitas vezes parece que não há saída, que o que dói nunca vai parar de doer. Mas passa. Passa sempre. Fica um pedacinho que nos impede, aqui e ali, alguns movimentos. Mas o que nos bloqueia passa sempre. Haja uma mulher para amar e o mundo continua. A minha mulher é o que a vida me deu, e foi ela que me deu tudo o que a vida me deu.

Nunca lamentei as lágrimas que chorei, os acidentes que me fizeram recomeçar. O tempo serve para recomeçar, pouco mais. A mudança é o que me mantém vivo, tenho vindo a aprender. A cabeça já não é o que era, o corpo já não é o que era, deve ser a isso que chamam velhice, eu sei. Há um corpo que cai e nós cá por dentro sempre a levantar-nos, sempre mais altos. A idade eleva-nos tudo menos o corpo. Tudo cede menos o que amamos. O que profundamente amamos.

Amo profundamente quem me faz rir. O senhor das piadas da televisão, Deus o guarde, a senhora do talho e os seus palavrões que nem me atrevo a pensar, e os que amo. Amar é rir profundamente.

Já me amputaram de pessoas. A morte de quem faz parte do nosso mundo é um pedaço que se vai. Estou com muito menos do que aquilo que já tive mas ainda consigo andar. Viver é mais do que tudo conseguir arranjar membros suficientes para, por mais amputações que a vida nos traga, nos

conseguirmos mexer. Na minha cabeça estou mais freak do que nunca. O freak é aquele rapaz que não quer saber do que os outros pensam, o esquisito que pensa por si. Um velho ou é um freak ou então está morto. O velho não tem nada a perder e tem de ganhar alguma coisa com isso. Eu ganho. Todos os dias ganho. Digo o que penso e faço o que penso que devo fazer e às vezes até faço coisas sem pensar, e depois percebo que são essas coisas de que depois me recordo mais do que todas as outras. A memória serve tanto para sofrer como para viver. É lá, na memória, que vivo os melhores e os piores momentos da minha vida. É por isso que tento, todos os dias, construir novas memórias, inventar mais momentos para lembrar. O que fica da vida são os momentos que nos lembram de nós.

Ser um freak é manter-me alerta. Há um freak em cada um de nós, mas alguns freaks são freaks cobardes, e se calhar basta isso para não serem freaks nenhuns. Faltam-me poucos dias por aqui, isso é certo. Tento não os contar, passar por eles sem me lembrar do que falta. Acredito que ainda me vou cruzar com a euforia algumas vezes, por mais que as doenças apertem e a incapacidade triture. Sou uma máquina de luta contra a insuficiência. Agarro-me ao toque da minha mulher como se me agarrasse ao que me impede de morrer. E nunca morro.

No fundo, como te dizia no começo destas linhas que já vão longas (os velhos têm esta mania de falar demais, de contar demais, de saberem demais, mas ninguém quer saber dos velhos até que chega a velho e aí são os outros que não querem saber de quem não quer saber dos velhos, mas eu não me incomodo, a lei da vida é também a lei da morte, fiquei a saber há muito), quando leres estas palavras provavelmente já terei morrido. Mas tu não. Tenta fazer disso uma vantagem.

Que nunca as costas abduquem de ceder, pois é apenas assim que me aprendo a erguer.

Que todos percebam que vale a pena ouvir, que todos entendam que não há mal em cair.

Mas que ninguém se vergue ao tem de ser, que não haja conforto em nenhum perder.

Mas que ninguém pare antes de chegar, que não haja um desistir antes de um tentar.

E que as pessoas se queiram todos os dias, e que exijas hoje o que ontem querias.

E que as crianças sejam abraços a crescer, e que os velhos sejam os bebés que ensinam a viver.

E que exista um amo-te a cada esquina, e que se diga um adoro-te que a sorrir se ensina — e que o império do dinheiro seja a suja latrina.

E que não haja mandados nem mandadores, e que não haja humilhados nem humilhadores — e que os cabrões que roubam sejam simples actores.

Mas que toda a justiça tenha costas de aço, que todo o meu destino venha daquilo que faço.

Mas que nunca o orgasmo seja uma raridade, que o som dos gemidos ecoe por toda a cidade.

Que para cada Adeus haja mil Olás, que para cada desculpa-me haja o amor que se faz.

Que para cada saudade haja mil exaltações, que para cada frieza haja um milhão de vulcões.

Que nunca as costas abduquem de ceder, pois é apenas assim que me aprendo a erguer.

«Aqui estou, usa-me.»

Foi assim que se apresentou perante ele. Tinham-se cruzado apenas uma vez, no ensino secundário, e nunca deixou de ter a certeza de que era aquele, exactamente aquele, o homem da sua vida. Tinha pelo menos a certeza de que seria capaz de morrer por ele, e se não é essa a melhor forma de se saber que é essa a pessoa da nossa vida então não existe qualquer forma de se saber quem é a pessoa da nossa vida.

«Estava a ver que não vinhas.»

Não se pode dizer que aquilo que eles deram foi um abraço; foi, isso sim, uma troca de vidas: cada um dos constituintes do abraço entregou-se ao outro como se dentro de ambos não houvesse corpo: como se o corpo fosse um estorvo para o abraço que se queriam dar. Mas um estorvo com sabor, um estorvo com prazer, e se não é essa a melhor forma de se saber que se ama alguém então não existe qualquer forma de se saber que se ama alguém.

«Cheguei a tempo de não ser tarde demais, chega-me isso.»

E chega. O erro de muitas pessoas é apressar o que é urgente, quando a urgência exige, na maioria dos casos, a paciência de se aquietar antes de se solucionar. Há urgências que exigem maturação. E não é por isso que deixam de ser urgências. A forma como, por exemplo, os dois corpos se juntaram sobre a cama não exigiria mais do que um humano para ser percebido por inteiro: nada naqueles movimentos parecia forçado; estavam os dois em casa, como se estivessem sempre dentro de uma intimidade exígua, uma intimidade exclusiva, como se dentro do próprio corpo, e se não é essa a melhor forma de se estar no corpo de alguém então é porque não existe qualquer forma de se estar no corpo de alguém.

«Tinha saudades de te conhecer.»

O tempo é, mais do que a vida, volátil, instável: inexistente, até. O valor do tempo é uma abstracção; a extensão do tempo é uma construção psicológica, pouco mais do que isso. Quando alguém se queixa de falta de tempo está, na verdade, a queixar-se de falta de si no tempo: de falta de tempo de vida por dentro da vida do tempo. Simplificando: quando alguém se queixa

de falta de tempo está, em suma, a queixar-se de falta de si. Eis uma queixa que nem ela nem ele iriam, a partir de agora, fazer.

«Sou perfeitamente capaz de viver sozinha, desde que estejas ao meu lado.»

O amor mata. Mas apenas porque dura, na pior das hipóteses, até à morte.

Amar é metade daquilo por que vale a pena viver.
E a outra metade é ser amado.

(carta de um adulto ao mundo)

Continuar todos os dias faz chorar.

O passado sobrepõe-se, teimoso, e damos por nós a perceber que já não somos crianças, que já não somos sequer jovens. O tempo passa e leva-nos com ele. Ganhamos tanto e fica sempre a sensação de que perdemos tanto também. A vida prossegue e o corpo prossegue. Tudo a caminho do final. E nós no meio, perdidos, a cabeça sem saber se é corpo se é alma.

Viver todos os dias é maravilhoso e não deixa de ser horrível.

As responsabilidades apertam, comprimem. Quanto mais cresces menos podes cair. Menos há margem para queda. Um adulto é sempre uma criança com excesso de responsabilidades. Com excesso de obrigatoriedades. Uma criança é feita para cair, um adulto é feito para se levantar. Todos os dias levantar. Perde-se o emprego e tem de se levantar. Perde-se um amigo e tem de se levantar. Perde-se uma oportunidade e tem de se levantar. Perde-se tudo e tem de se levantar.

Levantar todos os dias magoa.

E o cinzento estrangula. Coloniza. Integra-nos inteiros. Distraio-me um segundo e já estou nele: completamente cinzento, uma malha absurda de mais-ou-menos, uma teia irrespirável de meia-felicidade-meia-infelicidade. O ramerrame não é uma onomatopeia; é uma doença. A rotina contagia — mas contagia porque não consegue contagiar. A rotina contagia pela incapacidade de emocionar, de mover, de abalar. Repetir apenas o irrepetível: eis o que temos de procurar.

A emoção todos os dias corrói mas não ter emoção todos os dias mata.

Ontem era jovem e tinha todos os sonhos do mundo; hoje sou um quase-velho e tudo o que consegui foram quase-sonhos. Já fui feliz. Claro que já fui feliz. Já consegui abraçar, beijar, amar. Mas sabe sempre a pouco. Viver sabe sempre a pouco. E há dias em que viver sabe a demais. Dias em que é urgente deixar de viver. Time-out. Standby. Ficar apenas por ali, a olhar de fora para dentro de nós; tentar entender o que somos, o que queremos. No fim, tudo continuará na mesma e nada ficará como dantes.

Tudo continuar na mesma e nada ficar como dantes todos os dias cansa.

Sou um adulto e não sei quem sou: eis a única declaração possível. Eis a única verdade possível. Quero ser a criatura mais feliz do mundo e lutarei até ao fim dos meus dias para isso. Mas talvez seja isso, essa fúria de felicidade, essa luta imparável, que me impede de ser feliz. Talvez queira demais ser feliz. Talvez ame demais, talvez exija demais. Mas só o que é demais não é erro.

Há dois dias era um putinho e dentro de dois dias sou um velho: aqui jaz um adulto. É por isso, por serem actores da verdadeira adolescência, o estado de transição entre o começo e o final, que os adultos nunca serão criaturas livres. Porque não são capazes de não pensar como as crianças, porque não são capazes de não pensar como os velhotes. Os adultos têm muito a perder e é por isso que se perdem. Perdem-se na carreira que querem ter, na família que querem ter, no futuro assegurado que querem ter. Os adultos perdem-se no que querem ter e esquecem-se do que já são. A vida, para um adulto, é aquilo que acontece enquanto estão que nem estúpidos a pensar na vida. Um adulto está no pico de tudo e raramente consegue sair do chão.

Pensar na vida todos os dias aborrece.

Os adultos são uma seca. Eu sou uma seca. E o pior é que sei que sou uma seca. Sei que já não tenho a paciência que tinha para aguentar o que tenho de aguentar. Sei que poderia rir mais, que poderia tentar mais, que poderia voar mais, que poderia amar mais. Mas falta-me juventude para isso. Falta-me coragem para isso. Penso no que posso perder e abdicar do que posso ganhar. Os adultos são uma seca. Os adultos são uns bananas.

Ser banana todos os dias arrelia.

Eu sou um adulto e sou feliz: quantas vezes o dissemos — e sentimos — mesmo?

As tuas lágrimas. Como se me entrassem pela pele. Dissemos o que não devíamos e depois o choro. Depois sempre o choro.

«As pessoas falam demais quando magoam. É tão simples e ainda assim repete-se: as pessoas falam demais quando magoam. As palavras não existem para magoar. Quem inventou as palavras inventou-as para amar. Mas depois chegam os outros, os que encontram outros usos. O problema das coisas, de todas as coisas, nunca são as coisas; é o uso que delas é feito. Até um beijo pode matar, até um abraço pode doer. O problema de todas as coisas é o uso que as pessoas fazem delas. Usei-te para libertar o que me fazia doer. E doeu-te. A imbecilidade das pessoas é muitas vezes fazerem do que lhes dói o que vai doer aos outros: usar o que dói como arma para doer. Que estupidez. As pessoas falam demais quando magoam.»

Escreveu assim no seu caderno de reflexões («O Livro do Miserável»): só escrevia quando apertava, quando as palavras lhe saíam pelas mãos. Depois pousou-o onde sempre o pousava, no corredor, entre a sala e o quarto, onde sabia que ela iria passar e parar. Iria ler e iria entender. Seria o primeiro passo para perdoar.

«Entender é o esboço de tentar. Tentar é o esboço de conseguir. Quando me entendes dói menos. Quando percebes que só falo o que me impossibilita de viver. É uma questão de sobrevivência. Matar ou morrer. Peço-te que entendas. Mais uma vez. Peço-te que percebas que há instantes que me impedem de continuar. E há que sangrar. Pior: há que fazer sangue. É muitas vezes o sangue que salva vidas. É ele o aviso, o alarme. Há que salvar o sangue para salvar uma vida. Ou duas. Como as nossas. Entende-me. Por favor. Entender é o esboço de tentar.»

A noite iria ser longa. Uma interminável sucessão de lembranças, uma interminável sucessão de dúvidas. Provavelmente um dia seria de vez. Provavelmente um dia ela iria entender o que ainda não entendera: que nunca deixaria de ser assim. Ele iria continuar a ser isto. Apenas isto. Um humano que precisa de explodir. Um humano constantemente em rota de colisão («em rota de solidão») consigo mesmo — e que, para sobreviver, colide com quem ama. Um egoísta, no fundo. Um reles e tenebroso egoísta, capaz de sacrificar

quem ama para evitar o sacrifício final. Um dia ela iria entender. Um dia ela iria desistir.

«Estou sozinha de ti. Vem.»

Mas hoje não.

(carta ao cabrão insensível)

Meu grandessíssimo cabrão:

Escrevo-te para te dizer que és um idiota da pior espécie. Um burgesso. Um monte de bosta. Um pedaço de asno. Poderia, por isso, ficar por aqui nesta missiva — até porque o mais importante já está dito. Mas prefiro explicar-te, pacientemente, porquê.

Quando gostares de alguém, não tenhas medo. Não sejas cobarde. Não sejas poucochinho. Não te escondas em semipalavras, em semiactos. Quando gostares de alguém, vai com tudo, vai contigo todo, com tudo o que és, com tudo o que sentes, com tudo o que tens para dar. Sê romântico, sê piroso, sê incansável, sê sonhador e faz sonhar. Sê utópico — porque não? Faz planos em conjunto, imagina em conjunto. Faz como nos livros, faz como nos filmes: não acredites na treta do impossível, na treta do improvável. Não acredites na treta de que o amor é treta. Essa é a mentira que os toscos inventaram para poderem ser toscos. Vai com quem amas até ao fim do mundo todos os dias. Até à última gota não é uma forma de vida; é a única forma de vida. O resto é merda.

Diz que amas se amas. Mostra que amas se amas. «Sim: eu amo» — qual é dificuldade de dizer isto? «Sim: eu quero-te» — qual é a dificuldade de dizer isto? «Sim: eu preciso de ti» — qual é a dificuldade de dizer isto? É tão simples ser feliz por dentro do amor. Tão simples. Basta amar e não temer amar. Amar só dói quando não se ama — qual é a dificuldade de entender isto?

Não te escondas de todos os lados de ti. Não vás na cantiga do macho latino, do macho que não está habilitado a sentir — e que por isso tem de ser, por fora, intocável, sempre sólido. Sólido mas é o caralho. Sólidos são os calhaus. Sólidos são os cubos de gelo — e até esses, quando começam a aquecer, se derretem todos. Não queiras ser um bruto só porque te impingiram

que tens de ser um bruto. Os brutos tendem a sofrer brutalidades — e a fazer sofrer brutalidades. Os brutos não fazem falta nenhuma ao mundo de ninguém. Os brutos não fazem falta nenhuma ao mundo todo. Se sentes, vai. Se queres, tenta. Se te apetece, inventa. Se um livro te faz chorar: chora. Chora porque és gente, porque és pessoa, porque tens muito mais do que um corpo. Se um abraço te emociona, leva-te nessa emoção, contagia-te e contagia, vai até ao final dos ossos, até ao começo das veias. Se és homem sente — qual é a dificuldade de entender isto? Só não sente quem nem sequer é gente.

Esquece os preconceitos. Esquece as frases que te inculcaram como se fossem leis universais. A sociedade que vá dar banho ao cão se por causa dela perdes o que tanto queres. Entre a tua saúde e a saúde da sociedade não hesites: escolhe a tua. A sociedade adapta-se. A sociedade adapta-se sempre. É isso a história da humanidade, nada mais: as pessoas a escolherem a sua própria sanidade, a escolherem a sua própria felicidade — e a sociedade, diligente, a correr atrás. Não corras atrás dela; deixa que ela corra atrás de ti. E é se quer. Se não quiser deixa-a ficar e vai à tua vida. Vai à tua vida: eis o segredo, eis a fórmula. Vai à tua vida. Quatro palavras, quatro simples palavras, e está tudo dito. Vai à tua vida. Vai sempre à tua vida. É ela que te importa. É sobretudo ela que tem de te importar. A tua vida e a vida de todos aqueles eleitos que fazem parte dela. Trata dela. Trata deles. Concentra-te no que importa. Guarda as forças para o que importa. O resto é merda.

Tudo isto para te dizer, talvez já te tenhas esquecido, que és um idiota da pior espécie. Um burgesso. Um monte de bosta. Um pedaço de asno. Creio que já percebeste porquê, certo?

Não mereces, por isso, um único pedacinho do meu amor. Mas já o tens todo.

Vê se o sabes conservar, meu cabrão insensível.

O risco é subtil mas assusta. Uma pessoa nova é um risco novo, uma oportunidade para novas oportunidades — e para novos erros, claro. Cada pessoa é no mínimo um motivo para amar. Cada pessoa é no mínimo um motivo: aproveita-o.

Foi com este pensamento que ele se aproximou da mulher que queria levar ao altar. Antes, contudo, sabia que a teria de levar para outros lugares. Quem sabe um café primeiro, quem sabe depois um passeio à beira-mar, quem sabe depois um jantar, quem sabe depois um jantar mais estendido no tempo (e quem sabe na cama)? Para já só tinha de perceber como lhe dizer que a queria sem lhe dizer que a queria. O mais curioso na sinceridade é que raramente pode ir à frente de tudo o resto. Antes da sinceridade vem a possibilidade: o que pode dizer-se. A sinceridade chega mais tarde, bem mais tarde, quando a sedução se faz por outros caminhos. Antes é urgente fascinar: lançar a âncora. E as âncoras raramente são sinceras. Nunca ninguém que quer amar alguém que não conhece diz «olá, eu sou o Pedro e quero amar-te». E seria tão mais simples. Mas as pessoas perdem tempo com a sedução para o amor — talvez porque a sedução para o amor seja uma das mais encantadoras partes do amor.

Há tantos casais que se apaixonaram pela sedução e não por quem os seduziu.

Então aproximou-se, quis dizer alguma coisa mas a voz parou, ela também parou, ficaram alguns segundos (não devem ter sido muitos mas para ele foi uma vida inteira a olhá-la e a guardá-la para mais tarde recordar, sabe-se lá se teria oportunidade de a ver de novo) suspensos no tempo, um no outro, na verdade, até que ela mesmo sem falar disse «quero», ele sem falar disse «vamos tentar» — e quando as palavras finalmente chegaram só disseram as trivialidades que sempre se dizem: «boa tarde, não sou de cá e gostaria de saber onde fica a praça de tal», «boa tarde, a praça de tal fica na rua de tal junto à loja de tal», «e isso é longe ou posso ir a pé», «é mesmo aqui ao lado», «que bom», «eu por acaso estou mesmo a caminho dessa zona e posso acompanhá-lo lá», «isso seria excelente, obrigado», «ora essa, ora essa», «Pedro», «Bárbara», e o resto ficará para a história, a deles, claro está, que esta nossa

acabou agora mesmo, peço desculpa, e até à próxima, esperemos que por dentro de outro amor qualquer.

Encontrei, finalmente, o sentido da vida: o sentido proibido.

Prometo perder.

Prometo por vezes fraquejar, por vezes cair, por vezes ser incapaz de ganhar. Nem sempre conseguirei superar, nem sempre conseguirei ultrapassar. Nem sempre poderei ser capaz de ir tão longe como tu me pedes, de te dar exactamente o que merecias que te desse. O que desesperadamente te quero dar. Nem sempre conseguirei sorrir, também.

Prometo perder.

Prometo ainda manter-me vivo depois de cada derrota, resistir ao peso insustentável de cada impossibilidade. Há-de haver momentos em que sem querer te magoarei, momentos em que sem querer tocarei no lado errado da ferida. Mas o que nunca vai acontecer é desistir só porque perdi, parar só porque é mais fácil, ceder só porque dói construir.

Prometo perder.

Porque só quem ama corre o risco de perder; os outros correm apenas o risco de continuar perdidos.

Prometo perder.

Porque só quem nunca amou nunca perdeu.

